

## **UNIÃO EUROPEIA, RÚSSIA E O CASO DO MH17: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS ESTRATÉGICAS (2014-2019)**

**Paulo Ramos**

[paulocamosramos@gmail.com](mailto:paulocamosramos@gmail.com)

Mestrando em Relações Internacionais na Escola de Economia e Gestão-Universidade do Minho, Braga, Portugal e Licenciado em Ciências de Comunicação pela Universidade do Porto. Os seus interesses de investigação incluem as relações entre a UE e a NATO com os países do Leste Europeu, incluindo a Rússia.

**Alena Vieira**

[d4215@eeg.uminho.pt](mailto:d4215@eeg.uminho.pt)

Membro integrado do Centro de Investigação em Ciência Política (CICP) e Professora do Departamento de Relações Internacionais e Administração Pública, Escola de Economia e Gestão, Universidade do Minho, Portugal. É Doutorada em Ciência Política pela Universidade de Erlangen-Nuremberga (Alemanha). Foi Visiting Researcher da Finnish Institute of International Affairs, Instituto Estudos Estratégicos e Internacionais (Lisboa), e Universidade Católica de Leuven. Recebeu bolsas e *research grants* das fundações Chair Inbev-Baillet Latour; Hanns-Seidel-Stiftung; Haniel-Stiftung; Companhia di San Paulo, Riksbanken Jubileumsfond e Volkswagen-Stiftung, bem como da Fundação para Ciência e Tecnologia. O seu livro 'Russland , Belarus und die EU-Osterweiterung' foi publicado pela editora Ibidem-Verlag, e os seus artigos em revistas Europe-Asia Studies, Post-Soviet Affairs, EIOP Cambridge Review of International Affairs, International Spectator, entre outras. Alena Vieira publicou também vários *briefing papers* e relatórios para as instituições da UE e think-tanks (orcid: 0000-0002-5643-0398)

### **Resumo**

O conflito armado que se instalou na Ucrânia, desde 2014, tem vindo a afetar a forma como os Estados envolvidos interagem e como procuram implementar determinadas narrativas num novo contexto político regional. Enquanto a Rússia tem assumido uma postura mais assertiva na sua vizinhança, através de uma narrativa que procura contrariar os valores ocidentais promovidos pela União Europeia (UE), esta última tem demonstrado alguma dificuldade em apresentar uma narrativa coerente perante os desenvolvimentos dos últimos cinco anos. Nesse sentido, este artigo propõe-se a analisar a interação UE-Rússia, utilizando como estudo de caso o incidente que envolveu a queda do avião civil MH17 da Malaysia Airlines. A perspetiva analítica combina elementos de Role Theory - que aqui se foca na interação dos Estados em função de determinadas expectativas em relação ao seu papel a nível interno (nacional) e externo (regional/internacional) - e das Narrativas Estratégicas. São exploradas diferenças entre *issue narratives* (incluindo em relação à narrativa da Bellingcat Investigation Team) *system narratives* e *identity narratives*. O argumento aqui apresentado é que a externalização da *issue narrative* da UE tem surgido de duas formas distintas - uma mais moderada, na sua postura oficial enquanto instituição; outra mais assertiva, do ponto de vista do trabalho desenvolvido pela East Stratcom Task Force (EATF). Isto acaba por criar algumas dissonâncias na forma como a União Europeia projeta a sua narrativa, e desalinhamento com a *identity narrative* da UE enquanto *role state*.

### **Palavras-chave**

MH-17, Role Theory; Narrativas Estratégicas; Ucrânia; União Europeia; Rússia

### **Como citar este artigo**

Ramos, Paulo; Vieira, Alena (2019). "União Europeia, Rússia e o caso do MH17: uma análise das narrativas estratégicas (2014-2019)". *JANUS.NET e-journal of International Relations*, Vol. 10, N.º 2, Novembro 2019-Abril 2020. Consultado [online] em data da última consulta, <https://doi.org/10.26619/1647-7251.10.2.4>

Artigo recebido em 29 de Novembro de 2018 e aceite para publicação em 22 de Maio de 2019





## **UNIÃO EUROPEIA, RÚSSIA E O CASO DO MH17: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS ESTRATÉGICAS (2014-2019) <sup>1</sup>**

**Paulo Ramos**

**Alena Vieira**

### **Introdução**

O conflito armado que se vive na Ucrânia, na região de Donbass, ganhou um ímpeto renovado com o abate do avião da Malaysia Airlines que fazia a rota entre Amesterdão e Kuala Lumpur, a 17 de julho de 2014, quando este sobrevoava a zona de conflito no Leste da Ucrânia. A morte de quase 300 pessoas, a grande maioria delas europeia, levou a que os países da UE assumissem uma postura conjunta mais assertiva na busca por uma resolução do conflito armado naquela região. A postura da UE destacou-se por uma maior unidade, abrindo o caminho para sanções mais abrangentes contra a Rússia, direcionadas para setores-chave da economia russa, incluindo setor financeiro, de armamento e de energia. No entanto, o Protocolo de Minsk, assinado em Setembro de 2014 sob o auspício da OSCE, falhou em alcançar o cessar-fogo proposto no documento. O mesmo aconteceu com o Minsk II, assinado pela Ucrânia, Rússia, França e Alemanha em Fevereiro de 2015, e que procurou, sem sucesso, resolver as falhas do primeiro acordo.

Petro Poroshenko, que em 2014 se tornou novo Presidente da Ucrânia, desde cedo se mostrou decidido a recuperar os laços institucionais com a UE, ao mesmo tempo que a Rússia tem procurado implementar novas formas de destabilizar o país e fomentar a sua própria narrativa sobre os acontecimentos na Ucrânia. O seu sucessor, Volodymyr Zelensky, eleito em 2019, encontra-se na mesma posição, e mantém as mesmas aspirações. Assim, o facto de ter às suas portas um conflito que, de acordo com a ONU, já levou à morte de 13 000 pessoas, mais de 3 000 delas civis (Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, 2019), faz com que a política externa da UE se veja sob forte pressão mediática nos últimos anos, o que aumenta ainda mais a sua responsabilidade neste processo.

Através da análise de várias fontes secundárias e primárias, este trabalho propõe-se, assim, a analisar a evolução das narrativas da Rússia e da UE em relação à queda do MH17, que serve como caso de estudo principal neste contexto.

---

<sup>1</sup> Dossiê temático de artigos apresentados na 1ª Conferência Internacional de Resolução de Conflitos e Estudos da Paz realizada na UAL a 29 e 30 de Novembro de 2018.



## Enquadramento teórico

A estrutura teórica deste artigo terá como base o conceito de Role Theory. Desenvolvido no âmbito da Sociologia e da Psicologia, este quadro teórico tem sido adaptado às Relações Internacionais desde a década de 1970 (Harnisch, 2011, p.7; *vf* Walker 1987). Os papéis desempenhados por determinados atores são definidos como “posições sociais” influenciadas por expectativas internas e externas relativamente ao propósito desses atores (Thies, 2010b, p.6336; Andrews, 1975, p.529; cit em Harnisch, 2011, p.8). De acordo com Sebastian Harnisch, as expectativas (role expectations) e as perceções (role conceptions) surgem como internas (ego) e externas (alter), e podem ser alvo de contestação, já que o papel de um determinado ator pode entrar em colisão com o de outro. De acordo com Stephan Klose (2018, p.6), por exemplo, a “capacidade de um ator internacional para concretizar as suas aspirações representativas na sociedade depende tanto da sua criatividade e recursos, como das expectativas sociais de outros”. Nesse sentido, os Estados do espaço pós-Soviético têm perceções distintas do papel da UE na região, sendo que apenas alguns olham para a instituição como um poder normativo (Nitoiu, 2018, p.704). Esta breve explicação assume relevância no contexto deste artigo, já que a perceção e as expectativas do papel da UE enquanto ator internacional não são uniformes, dentro da UE ou fora da instituição - nomeadamente na Rússia, com quem entra frequentemente em rota de colisão, como é exemplo o conflito na Ucrânia (Ademmer et al., 2016; Chaban e Holland, 2014; Delcour e Wolczuk, 2018; Lucarelli, 2014).

Dirk Nabers (2011, p.82) apresenta duas formas distintas através das quais os papéis desempenhados por diferentes atores se relacionam com as suas identidades. Por um lado, o papel de um determinado ator representa o limite das ações do mesmo, o que por sua vez acaba por definir a sua identidade. Por outro lado, a representação do ator também pode ser influenciada pela sua identidade, podendo o primeiro servir como uma referência ou enquadramento para o segundo (Nabers, 2011, p.83). Isto é importante no contexto da UE, particularmente no caso do conflito na Ucrânia, devido ao que vários autores identificam como um desequilíbrio entre aquilo que é percecionado como “identidade europeia” e o que é feito em matérias de política externa.

Para além do suporte fornecido pela Role Theory enquanto abordagem teórica, este trabalho também irá utilizar as Narrativas Estratégicas, um conceito desenvolvido por Alister Miskimmon, Ben O’Loughlin e Laura Roselle (2013). Esta escolha prende-se com o facto de nos permitir compreender melhor como a comunicação (política e não só) afeta as relações entre os Estados, algo que poderá também ajudar a perceber se essa narrativa se encaixa na identidade e no papel assumido pela UE.

O conflito armado na Ucrânia ganha um destaque particular pelo confronto de interesses, discursos e identidades entre os atores envolvidos, sejam eles mais próximos da narrativa da UE ou da narrativa russa. Por esse motivo, é fundamental perceber como essas dinâmicas evoluem e afetam os atores envolvidos, sobretudo numa altura em que a Rússia procura afirmar-se como um verdadeiro ator global, e num contexto em que a UE sofre as consequências de problemas relacionados com as migrações, o *Brexit* ou a administração norte-americana liderada por Donald Trump.



## **UE – Ucrânia – Rússia – Um Triângulo Imperfeito**

O conflito armado na Ucrânia tem atraído atenção acadêmica nos últimos anos, em virtude de se ter transformado num palco de combate, não apenas em termos militares, mas sobretudo ao nível da comunicação política. Contudo, ainda não é frequente encontrar aplicações empíricas do conceito de Narrativas Estratégicas neste contexto. Para além disso, o trabalho que tem sido desenvolvido foca-se, sobretudo, no impacto da narrativa russa, como são disso exemplo os contributos de Joanna Szostek (2017; 2018) ou Irina Khaldarova (2016). Por esse motivo, importa então perceber de que forma essa dinâmica tem sido construída do lado da UE, e que influência tem tido na consolidação do papel da organização enquanto ator internacional.

Alguns autores defendem que a UE se comportou como qualquer outro ator, perante as circunstâncias, e notaram que a reação foi rápida a vários níveis (Karolewski e Cross, 2017: 138). Também Michal Naturski e Karolina Pomorska (2017: 66) concordam com esta ideia, dizendo que o conflito armado na Ucrânia conduziu mesmo a um aumento da confiança entre os membros da UE face a um crescente desconforto nas relações com a Rússia. A clivagem entre a UE e a Rússia é, de resto, um dos aspetos mais importantes deste conflito, pelas consequências que tem não só na Ucrânia, mas também para os dois primeiros. Relativamente a essa diferença, Svante Cornell argumenta o seguinte:

*"(...) the Russian sphere of influence is incompatible not only with the form of European integration envisaged by the EaP, but at a more fundamental level with the type of countries that the EU's instruments would help to create. Where European leaders want a stable neighbourhood, Russia seeks an unstable one; where Europe seeks to develop accountability, Russia undermines it. Thus, the competition between Russia and Europe is not only geopolitical; it is fundamentally ideological."* (Cornell, 2014: 119)

Allister Miskimmon (2017: 164) afirma que a incongruência da narrativa da UE em relação à Ucrânia tem afetado a credibilidade internacional da instituição e dificultado o processo de afirmação enquanto ator internacional ao nível da política externa. Embora o argumento não se refira diretamente à questão do MH17, demonstra a dificuldade da UE em criar uma narrativa que possa ter recetividade não só junto da comunidade ucraniana, mas também dentro da instituição; Ucrânia representa assim "um teste para a sua narrativa identitária como pacificador regional e defensor de valores universais" (Miskimmon (2017: 161).

A ideia de que a UE tem tido um papel limitado face ao conflito ucraniano é corroborada por outros autores. Taras Kuzio, por exemplo, apresenta três fatores no sentido de comprovar esse argumento: a incapacidade de exercer uma influência assertiva ao nível das reformas internas na Ucrânia, face à ausência de uma perspetiva de integração do país na UE; a dificuldade de compreender as motivações das elites ucranianas; e a dificuldade em compreender as dinâmicas de política externa da Rússia, ao achar que o alargamento aos países de Leste não teria repercussões (Kuzio, 2017: 116-117).



As dificuldades sentidas na relação com a Ucrânia advêm, em parte, de uma relação com vários altos e baixos ao longo das últimas duas décadas. Esta ligação entre as duas partes é descrita como uma “parceria ambígua, fundada num desenho legal e institucional complexo” (Ferreira-Pereira e Vieira, 2014: 12). Para além dessa dificuldade institucional, a aproximação da Ucrânia à UE tem sido igualmente afetada por problemas internos, como a corrupção ou a falta instituições democráticas estáveis. Aliás, “a vontade das elites em explorar a dependência energética para seu próprio proveito” é vista como um dos principais motivos para a elevada dependência ucraniana vis-à-vis à Rússia (Dragneva e Wolczuk, 2016, p.694). Este aspeto faz com que “os obstáculos que a Ucrânia enfrenta no ‘caminho para a Europa’ sejam formidáveis” (Wolczuk, 2017: 287). A mesma autora, noutro artigo, destaca a ironia de, “após décadas de marginalização, a Ucrânia se ter tornado crucial para os debates sobre o futuro da Europa” (Wolczuk, 2016: 70).

Esta relação algo tumultuosa é exacerbada, como se percebe, pelo crescente afastamento da Rússia em relação à UE, e vice-versa. As relações dentro deste triângulo, pelo menos até ao início do conflito, são descritas por Vsevolod Samokhvalov (2015: 1372) como “um complexo mais ou menos homogêneo de dinâmicas de soma-zero”. O autor enumera quatro argumentos fundamentais no desenvolvimento desse processo, e que importa observar com atenção: em primeiro lugar, cada um dos atores (UE e Rússia) procura introduzir na Ucrânia práticas políticas coadunáveis com os seus próprios valores e interesses; em segundo, ao nível económico, cada um dos atores tem procurado abrir o mercado ucraniano aos seus próprios mercados no sentido de criar uma dinâmica transnacional; em terceiro, ambos os lados têm procurado atrair a Ucrânia para os seus projetos de segurança na região, um cenário em que a OTAN aparece também como ator central; por último, cada um dos dois lados tem tentado introduzir uma ideologia e perceção da história mais próxima dos seus interesses (Samokhvalov, 2015: 1372-1373).

Tudo isto leva a crer que a UE tem tido, efetivamente, várias dificuldades em assumir um papel coerente vis-à-vis à Rússia e à Ucrânia. Para além disso, o papel que desempenha nem sempre é visto de forma positiva (por outros atores). Na opinião de Bengtsson e Elgstrom (2011: 129), isto é consequência de uma performance incoerente e de elementos contraditórios no desenvolvimento - e o resultado atual - da integração europeia.

### **As Narrativas Estratégicas em Contexto de Conflito Armado na Ucrânia**

Perante o cenário anteriormente descrito, torna-se importante explorar com maior atenção o conceito de Narrativas Estratégicas. De acordo com Miskimmon, O’Loughlin e Roselle, estas são “representações de uma sequência de eventos e identidades, uma ferramenta comunicativa através da qual os atores políticos – normalmente as elites – tentam atribuir um determinado significado ao passado, presente e futuro no sentido de alcançar objetivos políticos” (Miskimmon et al., 2013: 5). O foco nestas narrativas enquanto veículos de transmissão de ideias ou identidades é importante porque permite “ligar o espaço entre os conceitos de *hard* e *soft power*” (Roselle et al., 2014: 75), isto porque a narrativa de um determinado ator pode, por exemplo, incluir o uso de recursos militares, pelo que o estudo da comunicação e das narrativas permite estabelecer uma



ponte entre estes dois conceitos e perceber que nem sempre os limites são facilmente perceptíveis.

Um aspeto importante das Narrativas Estratégicas, sobretudo no contexto do trabalho aqui desenvolvido, é a sua divisão em três formas distintas: *issue narratives*; *identity narratives*; e *system narratives* (Miskimmon, 2017: 155). No caso das primeiras, o autor explica que se referem à forma como uma determinada narrativa se adequa a uma política, ação ou evento em particular. *Identity narratives* estão relacionadas com a identidade que um determinado ator atribui a si mesmo, e que acaba por influenciar a sua narrativa e forma de atuar no campo internacional. Por último, *system narratives* referem-se ao modo como esses mesmos atores encaram o sistema internacional moderno, o que por sua vez tem influência na forma como as narrativas são criadas e projetadas.

Alguns autores aplicam o conceito de Narrativas Estratégicas no âmbito de uma análise da propagação de *fake news* durante o conflito armado na Ucrânia (Khaldarova e Pantti, 2016). As autoras concluem que as notícias e reportagens fabricadas fazem parte de uma estratégia pré-estabelecida no sentido de “provocar uma resposta afetiva por parte do público” (Khaldarova e Pantti, 2016: 899). Isto significa que as narrativas estratégicas podem, em determinados contextos, assumir um papel desestabilizador, como se tem verificado em relação à posição da Rússia no conflito com a Ucrânia.

Um dos principais catalisadores desta “anarquia” informativa característica dos conflitos modernos foi o surgimento de novas ferramentas comunicativas, nomeadamente a *social media*. Uma das grandes inovações desta tecnologia foi o facto de “providenciar os utilizadores com a capacidade de pesquisar informação e partilhar o seu próprio conteúdo dentro das suas próprias redes” (Zeitsoff, 2017: 1972). Isto acaba por criar um ambiente mais caótico, em que a informação pode ser reproduzida e partilhada por qualquer pessoa com acesso a estas ferramentas, aumentando assim a possibilidade de propagação de *fake news* – algo extremamente comum no contexto do incidente do MH17, como veremos mais à frente. No caso do conflito entre a Rússia e a Ucrânia, isto pode ser visto como um caso em que a Internet veio aumentar o poder dos atores envolvidos para produzir desinformação (Mejias e Vokuev, 2017: 1027).

Este novo ambiente comunicativo é muitas vezes descrito como o regime da pós-verdade, isto é, um mundo em que os factos são menos importantes para moldar a opinião pública do que os apelos às emoções e crenças pessoais. Este aspeto ganha uma importância crescente se tivermos em conta que a identidade das populações é um fator central na perceção de determinadas narrativas. No caso da Ucrânia, por exemplo, Joanna Szostek (2018: 129) refere que “não deve ser surpreendente que as pessoas negociem o significado das notícias com referência aos seus valores e experiências”. Esta ideia está presente noutro artigo da mesma autora:

*“A state may spend any amount of money on disseminating messages about itself and the world, but the results will ultimately still hinge on factors that are largely beyond its control – including the attributes of (multiple, diverse) receiving audiences and the discursive context.”* (Szostek, 2017: 380).



Se as narrativas são produzidas por atores de forma a atingir determinados objetivos, essas mesmas narrativas estão suscetíveis a manipulação por parte dos atores envolvidos. Nesse sentido, é importante enquadrar o conceito de *disinformation*, ou desinformação. Este pode ser entendido como “mentiras intencionais difundidas como notícias ou formatos de documentários simulados para atingir objetivos políticos” (Bennett e Livingston, 2018: 124). A facilidade com que este tipo de informações, mal-intencionadas, circulam entre os vários meios de comunicação, faz com que seja cada vez mais difícil distinguir a informação verdadeira daquela que pretende apenas mentir ou enganar.

Alguns autores colocam a responsabilidade deste processo no fortalecimento das redes sociais como veículo de comunicação (Hannan, 2018). Isto faz com que seja fundamental analisar a evolução deste procedimento nas redes sociais, onde a difusão de conteúdos noticiosos falsos (*fake news*) é consideravelmente mais fácil e eficaz.

No caso da Ucrânia e do conflito que se desenvolveu a partir de 2014, um dos argumentos existentes é de que “a utilização da social media enfraqueceu o poder da sociedade civil ao permitir a difusão galopante da desinformação” (Mejias e Vokuev, 2017: 1028). Associado ao que se considera ser uma “quebra de confiança nas instituições democráticas de imprensa e política” (Bennett e Livingston, 2018: 127), a enorme quantidade de fontes de informação no panorama comunicativo atual faz com que a desinformação seja uma ferramenta cada vez mais viável. Olhemos para as palavras de Bennett e Livingston para uma ideia deste quadro:

*“Compared to the mass media era, the current age displays a kaleidoscopic mediascape of television networks, newspapers and magazines (both online and print), YouTube, WikiLeaks, and LiveLeak content, Astroturf think tanks, radical websites spreading disinformation using journalistic formats, Twitter and Facebook among other social media, troll factories, bots, and 4chan discussion threads, among others.”* (Bennett e Livingston, 2018: 129)

Isto ajuda a criar um ambiente informativo mais caótico, uma espécie de “velho-Oeste da comunicação” (Hannan, 2018: 11). Por sua vez, esse fator aumenta a possibilidade de ocorrerem “guerras de informação”, como se tem verificado na Ucrânia, onde posições distintas procuram diluir a importância da narrativa do adversário. Num dos estudos que desenvolveu junto da população ucraniana, Joanna Szostek demonstra como a maioria das pessoas que participaram no mesmo olhavam para os meios de comunicação em geral com um elevado nível de desconfiança (Szostek, 2018: 124).

Este tipo de métodos híbridos de combate (utilizando não apenas meios militares tradicionais, mas também sistemas de *information warfare*) tem sido, de resto, uma grande preocupação para a UE, sobretudo perante a atuação recente da Rússia em termos de ação externa (Wagnsson e Hellman, 2018). Estes autores propõem uma postura normativa que privilegie o apoio a atores secundários que possam contestar atitudes que identificam como incorretas, isto sem procurar ridicularizar “o outro” (Wagnsson e Hellman, 2018: 12). Esta dificuldade, dentro da UE, em encontrar uma postura adequada perante o que é geralmente entendido como uma escalada em termos



de *hybrid warfare* por parte da Rússia, demonstra a importância de aplicar o conceito de Narrativas Estratégicas. Ao compreender como este processo é montado e propagado, será no futuro mais fácil encontrar formas de lidar com o mesmo.

Por outro lado, a literatura existente sobre esta temática tem-se focado, como referido anteriormente, no impacto das narrativas russas durante o conflito armado na Ucrânia (Khaldarova e Pantii, 2016; Mejias e Vokuev, 2017; Szostek, 2017; Szostek, 2018). Uma das lacunas que este artigo pretende preencher é precisamente explicar o papel da UE nesse processo, e perceber de que forma a narrativa europeia foi evoluindo ao longo dos últimos anos.

### **O MH-17 e o Choque de Narrativas**

A queda do avião MH17 em julho de 2014 representou um momento crucial no que diz respeito à evolução das narrativas dos atores envolvidos em relação ao conflito na Ucrânia. Por um lado, a UE teve a oportunidade de reforçar o seu papel enquanto ator relevante no terreno, já que dois dos seus membros (Holanda e Bélgica) foram afetados diretamente, e tem sido envolvidos na *Joint Investigation Team (JIT)*<sup>2</sup>, equipa responsável por analisar o caso do MH17. Por outro lado, a Rússia tem procurado utilizar o incidente como prova de que o Ocidente continua a afastar o país do centro das decisões, em particular devido à recusa da participação russa na JIT (ver Tabela 1). Contudo, a postura assumida pela Rússia não foi orientada para cooperação; ao invés disto, criou-se um contexto em que a JIT tenha sido constantemente confrontada com novas versões dos acontecimentos que levaram à tragédia MH17. Nesta secção, procuramos analisar alguns pontos de viragem importantes no desenvolvimento do processo relacionado com o MH17.

No dia 18 de julho de 2014, um dia após a queda do avião MH17, autoridades ucranianas revelaram várias gravações com conversas entre separatistas ucranianos e oficiais militares russos sobre o acidente (BBC, 2014). Embora não fosse possível confirmar a veracidade das mesmas, as suspeitas levantadas desde a primeira hora tinham como ponto central a participação da Rússia na queda da aeronave. Esta situação provocou uma rápida reação por parte do governo russo, que desde logo assumiu uma postura acusatória em relação ao papel da Ucrânia no caso. Numa declaração oficial feita no mesmo dia, o Ministério de Defesa Russo assegurava que os sistemas de defesa aérea russos não estariam a operar naquela área no dia do acidente, insinuando por sua vez que existiriam na região forças ucranianas com acesso a unidades de defesa antiaérea iguais à que teria sido utilizada para abater o avião, o BUK-TELAR (Ministério da Defesa Russo, 2014).

No dia 21 de julho, o mesmo Ministério realizava uma conferência de imprensa onde acusava diretamente a Ucrânia pelo desastre, nomeadamente através de um avião de combate ucraniano, de modelo Su-25, que teria alegadamente sido avistado junto do MH17 antes da queda. De acordo com o grupo Bellingcat, todas as hipóteses levantadas por Moscovo "foram refutadas por múltiplas fontes, por vezes até mesmo pelas provas providenciadas pelo próprio governo russo" (Toler, 2018). Durante vários meses após o

---

<sup>2</sup> A Joint Investigation Team foi criada após a queda do MH17 em agosto de 2014, com o objetivo de liderar a investigação criminal do caso. O grupo é composto por forças policiais e judiciais dos Países Baixos, Ucrânia, Bélgica, Malásia e Austrália.



desastre, a narrativa russa dos acontecimentos foi alternando, sobretudo, entre estas duas versões: por um lado, a de que o avião teria sido abatido por um sistema BUK controlado pelo exército ucraniano; por outro lado, a teoria de que teria sido um caça ucraniano a provocar a queda do MH17.

Já em junho de 2015, uma análise da empresa estatal de armamento russa Almaz-Antey alegava que o míssil 9M38M1, utilizado para abater o MH17, não era utilizado pelas forças russas desde 1999 (Russia Today, 2015). Esta informação surge em linha com a teoria de que o míssil teria sido operado por forças ucranianas, sem que militares russos estivessem de alguma forma envolvidos no processo. Mais uma vez, o grupo de investigação Bellingcat viria a contestar esta informação, reunindo um conjunto de imagens que mostravam como as forças militares russas continuariam a utilizar o mesmo tipo de míssil descrito (Higgins, 2015). Em outubro do mesmo ano, o relatório final do Dutch Safety Board (DSB)<sup>3</sup> concluía que o MH17 teria mesmo sido abatido por um sistema BUK fabricado na Rússia, ainda que não apresentasse conclusões definitivas sobre quem teria sido o responsável pelo disparo do mesmo (Dutch Safety Board, 2015). Estes resultados, ainda que não definitivos, voltavam a colocar o governo russo debaixo de fogo. Mais uma vez, a narrativa de Moscovo era de negação, procurando passar a mensagem de que o Ocidente estaria a tentar incriminar a Rússia sem provas suficientes (vf. Tabela 1).

Neste contexto, os anos que se seguiram ao incidente ficaram marcados por uma batalha narrativa em que os resultados levantados pelo DSB ou pela JIT eram rapidamente desmentidos por responsáveis russos, que procuravam alimentar várias teorias acerca da queda do avião, com particular destaque para as duas anteriormente referidas. Em setembro de 2016, por exemplo, o Ministério de Defesa Russo apresentava imagens de radar que mostravam a alegada presença de sistemas de defesa aérea ucranianos na região onde o MH17 tinha caído, mas já sem referência à presença de aviões militares ucranianos perto do MH17, em contradição com o que havia sido dito dois anos antes, na conferência de imprensa de 21 de julho de 2014 (Higgins, 2016).

Verifica-se, portanto, que a postura da Rússia ao longo de todo o processo tem variado, demonstrando uma inconsistência grave na sua dimensão de *issue narrative* – nomeadamente no que diz respeito à sua preocupação com a questão do míssil BUK que abateu o MH17 e os detalhes que envolveram o seu processo de produção e o transporte para território ucraniano. Além disto, na dimensão de *identity narrative*, podemos enquadrar a postura russa, no contexto da Role Theory, como um *ego state* – sobretudo no contexto da sua posição contestatória em relação ao trabalho do JIT, atribuição da responsabilidade à Ucrânia, e a crítica da UE bem como do Ocidente pelo apoio incondicional à Ucrânia (Telegraph 2014, vf Tabela 1).

Ainda que o caso tenha perdido alguma atenção mediática desde então, o relatório da JIT, de maio de 2018, voltou a colocar as atenções sobre o alegado papel da Rússia. Olhemos para uma das principais conclusões:

*"Today, the JIT has concluded that the BUK-TELAR which was used to shoot down flight MH17 originated from the 53rd Anti-Aircraft*

<sup>3</sup> O Dutch Safety Board foi convidado a participar na investigação criminal do caso MH17 pelo National Bureau of Air Accidents Investigation of Ukraine.



*Missile Brigade of the Russian armed forces. This observation raises questions, such as the question whether the Brigade itself was actively involved in the downing of flight MH17 on 17 July 2014. An important question, which the JIT is still investigating.”* (Joint Investigation Team, 2018)

De acordo com o argumento apresentado, as forças militares russas teriam tido um envolvimento direto no transporte do sistema utilizado para abater o MH17, uma narrativa corroborada pela equipa do Bellingcat. A narrativa russa, por outro lado, continua a ser de negação em relação a qualquer tipo de envolvimento no caso, reforçando (recentemente) a postura acusatória em relação à Ucrânia. Em Setembro de 2018, o exército russo anunciava que o míssil utilizado para abater o MH17 pertenceria aos militares ucranianos, tendo saído de território russo em 1986 (Vasilyeva, 2018).

Em 19 de junho de 2019, a JIT anunciou que serão instaurados processos penais nos Países Baixos contra quatro pessoas responsáveis pela tragédia do voo MH17.

### **A East Stratcom Task Force e a resposta da UE**

A tradicional dificuldade da UE em agir a uma só voz em relação à Ucrânia tem sido aumentada, nos últimos anos, pelas crescentes campanhas de descredibilização e desinformação, promovidas em larga escala no contexto do conflito por meios de comunicação de influência russa ou pelo próprio Kremlin. Este aspeto ganha particular relevância perante a incapacidade da UE em impedir que os seus membros tenham, por vezes, posições distintas ou até contraditórias entre si (Karolewski e Cross, 2017: 148). Apesar disso, a queda do MH17 veio impulsionar, inicialmente, uma maior coesão na postura da UE perante a Rússia, sobretudo através do endurecimento das sanções impostas a Moscovo e da maior assertividade de alguns atores anteriormente reticentes em hostilizar a Rússia, com particular destaque para o caso da Alemanha. Esta alteração, provocada pela morte de cidadãos europeus, permitiu à UE atribuir-se uma narrativa própria enquanto ator proeminente na região, cujo papel é fundamental para a resolução do conflito, assumindo o seu papel enquanto *role state* perante o envolvimento russo. A narrativa estratégica da UE destaca-se pelo reconhecimento que a Rússia esteja envolvido no conflito armado na Ucrânia, e apelos à Rússia para assumir a sua reponsabilidade em relação à tragédia do MH17 (e.g., Alta Representante, 2018, 2019).

No entanto, em particular no início, a UE procurou afastar-se da ‘guerra das narrativas’ relativamente ao curso dos acontecimentos que levaram à queda do MH17, sem acompanhar as alterações na narrativa russa, ou destacar a incoerência grave desta narrativa, no seu discurso oficial. Eventualmente, isto fez com que a narrativa estratégica russa mantivesse a sua projeção, algo que foi adicionalmente reforçado pela surpreendente posição de Mahathir Mohamad, Premier-Ministro de Malásia, que em Junho 2019, contrariamente à posição do governo anterior, desafiou as conclusões da JIT ao declarar que esta última não tem provas do envolvimento russo na tragédia. A postura da EU - que se centrou no apoio ao trabalho da EIC/JIT, considerado “essencial” e conduzido “com independência, profissionalismo e isenção” (Alta Representante, 2018) - não foi mais longe do que isso, acabando por enfraquecer a dimensão de *issue narrative* da narrativa estratégica da UE, criando um desalinhamento com a sua *identity narrative*



de um ator investido na promoção e defesa dos Direitos Humanos, valores, e capaz de contribuir para resolução de um conflito armado, em linha com a atuação de um *role state* (vf Tabela 1).

A principal forma que a UE encontrou para combater as campanhas de desinformação russas foi a criação, em 2015, da East Stratcom Task Force (ESTF), uma equipa com o objetivo de monitorizar e documentar as narrativas de desinformação que estejam de alguma forma ligadas ao Estado russo ou a grupos de media ligados ao mesmo a atuar na região do Leste Europeu. Nas suas conclusões de março de 2015, o Conselho Europeu reiterava a “necessidade de enfrentar as contínuas campanhas de desinformação russas” (Conselho Europeu, 2015), o que levou à elaboração de um Plano de Ação, apresentado em junho desse mesmo ano. A importância que a UE atribui à ESTF revela-se na apreciação do seu trabalho, que consiste na sistematização de 4500 casos de desinformação russa pelo Conselho em 2018, e a triplicação do orçamento da ESTF em 2019, em relação ao de 2018 (EEAS 2018). No entanto, a posição da ESTF “não pode ser considerada a posição oficial da EU” (EEAS 2018).

Através de uma publicação semanal intitulada *Disinformation Review* e do seu website *EUvsDisinfo*, a ESTF procura analisar notícias falsas ou enviesadas a favor da posição oficial do Kremlin. Ao contrário da UE, a ESTF adota uma postura muito mais crítica em relação ao papel da Rússia no conflito armado na Ucrânia. No caso do MH17, o trabalho desenvolvido resultou na publicação de vários artigos que, na generalidade, apontam a Rússia como a responsável pelo encobrimento da verdadeira causa e dos culpados pela queda do avião, com ‘nove ondas’ de desinformação russa direcionada para o caso de MH17 a serem enunciadas num dos exemplos analisados (EUvsDisinfo 2017). Num outro artigo referente a esta matéria, a equipa defende que “as autoridades russas têm conduzido, em conjunto com os media, uma campanha de desinformação que controlam de forma direta e indireta com o objetivo de encobrir a verdade sobre quem abateu o voo MH17 da Malaysian Airlines no Leste da Ucrânia” (EUvsDisinfo, 2018). Um artigo mais recente apresenta uma análise cronológica do que se define como “cinco anos de campanhas de desinformação pró-Kremlin” (EUvsDisinfo2019). Isto demonstra que a ESTF vê a Rússia não só como “inimiga” da investigação sobre o MH17, mas também como um obstáculo aos próprios valores da UE.

Se compararmos esta posição com a de um certo afastamento oficial da EU em relação a estas campanhas de desinformação, percebemos que existe uma dissonância na narrativa estratégica da UE, com uma posição mais ponderada e que procura manter uma linha de diálogo aberta com a Rússia; e outra mais assertiva, que identifica claramente a Rússia como um ator antagónico – posição da ESTF. Esta última apresenta um melhor alinhamento entre a *issue narrative* e *identity narrative* da UE enquanto um ator normativo na linha de um *role state*, mas não é aceite como narrativa estratégica oficial da UE.

## Conclusões

O conflito armado que despoletou na Ucrânia em 2014, tem-se revelado um obstáculo difícil de ultrapassar para a UE em matéria de política externa e projeção internacional. A tragédia do voo MH17 serve com o exemplo mais claro deste conflito como um palco de combate, não apenas em termos militares, mas sobretudo ao nível da comunicação política.



No caso da Rússia, a resposta ao incidente tem variado entre um foco na *issue narrative* – nomeadamente no que diz respeito à sua preocupação com a questão do míssil BUK que abateu o MH17 e os detalhes que envolveram o seu processo de produção e o transporte para território ucraniano; e numa *identity narrative* que podemos enquadrar, no contexto da Role Theory, como um *ego state* – sobretudo no contexto da sua posição constestatória em relação ao trabalho do JIT. As dimensões narrativas apresentadas revelam-se pouco consistentes, e desalinhas entre si, mas acabam por resultar na criação de um desafio sério para a projeção da própria narrativa da UE, que inicialmente procurou afastar-se dessa guerra de narrativas.

Após a análise aqui apresentada, verificamos que esse afastamento dificultou a projeção de uma narrativa mais assertiva, de forma oficial, ocorrendo uma espécie de “outsourcing” da resposta para os Estados-membros e a JIT. A resposta mais clara surge como resultado do trabalho desenvolvido pela ESTF e pela campanha “EU vs. Desinfo”, ainda que esta raramente seja incorporada na posição da UE enquanto instituição. A dissonância que resulta desta posição da UE acaba por enfraquecer a dimensão de *issue narrative*, da sua narrativa estratégica, criando ainda incongruência com a sua *identity narrative* de um ator investido na promoção e defesa dos Direitos Humanos, valores, e capaz de contribuir para a paz na região. Podemos concluir que a UE, embora tenha procurado manter a sua *identity narrative* enquanto *role state* na região, tem tido dificuldade em combater as constantes campanhas de desinformação levadas a cabo pela Rússia no contexto da queda do MH17. A aspiração de manter a sua *identity narrative* acabou por não se traduzir na projeção de uma narrativa consistente e suficientemente forte por parte da instituição, tendo servido como uma espécie de “campo de testes” para a projeção de novas campanhas de desinformação.

Tabela 1. As narrativas estratégicas russas e UE em relação ao MH 17: *identity, system, issue*

	<b>Identity/identidade</b>	<b>System/Sistema</b>	<b>Issue/Questão (MH17)</b>
<b>Rússia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Narrativa de um <i>ego state</i></li> <li>- Tentativas ocidentais de representar a Rússia como ‘culpado’ e ‘inimigo’ – exclusão da Rússia pelo Ocidente/UE e não-aceitação da Rússia enquanto Ator Global;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Confrontação entre a Rússia e o Ocidente na Europa</li> <li>- UE/Ocidente deve aceitar Rússia enquanto <i>ego state</i>, para o bem da estabilidade regional</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Responsabilidade pela tragédia: ucraniana;</li> <li>- Crítica do apoio incondicional ocidental à Ucrânia, tanto em relação MH17 como conflito armado</li> </ul>
<b>UE</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Narrativa de um <i>role state</i></li> <li>- Ator com aspirações de encontrar solução para conflitos regionais</li> <li>- Governação com base nos princípios da democracia e direitos humanos o poder do exemplo da UE (apesar do Brexit)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Princípios da democracia e Direitos Humanos</li> <li>- Pragmatismo aliado aos princípios (principled pragmatism);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Responsabilidade pela tragédia: russa, deve ser assumida pela Rússia</li> <li>- Envolvimento da Rússia no conflito armado na Ucrânia: Rússia enquanto Problema e não Parceiro Estratégico</li> <li>***- STRATCOM: Rússia enquanto ator responsável pela desinformação propositada e que desafia os valores da UE</li> </ul>

Fonte: Tabela elaborada pelos autores, com base no contributo de Miskimmon (2017).



## Referências bibliográficas

Ademmer, E., Delcour, L. e Wolczuk, K. (2016). "Beyond geopolitics: exploring the impact of the EU and Russia in the 'contested neighborhood'". In *Eurasian Geography and Economics* 57(1), pp. 1-18.

Alta Representante da UE (2018). *Declaração da Alta Representante, Federica Mogherini, em nome da UE, por ocasião do terceiro aniversário do abate do voo MH17 da Malaysian Airlines*. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/press/press-releases/2018/07/17/declaration-by-the-high-representative-on-behalf-of-the-european-union-on-the-occasion-of-the-fourth-anniversary-of-the-downing-of-malaysian-airlines-flight-mh17/> (visitado em: 21 agosto 2019).

BBC (2014). "MH17 crash: Ukraine releases alleged intercepts". In *British Broadcasting Corporation*, 18 de julho. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-28362872> (visitado em: 12 outubro 2018).

Bengtsson, R. e Elgstrom, O. (2011). "«Reconsidering the European Union's roles in international relations»" in Harnisch, S., Frank, C. e Maull, H. (eds) *Role Theory in International Relations: Approaches and Analyses*. Oxford: Routledge, pp. 113-129.

Bennett, W. L. e Livingston, S. (2018). "The disinformation order: Disruptive communication and the decline of democratic institutions". In *European Journal of Communication* 33(2), pp. 122-139.

Chaban, N. e Holland, M. (2014). "Introduction: The Evolution of EU Perceptions: From Single Studies to Systematic Research". In Chaban, N. e Holland, M. (eds) *Communicating Europe in Times of Crisis: External Perceptions of the European Union*. Reino Unido: Palgrave Macmillan, pp. 1-23.

Cornell, S. E. (2014). "Underestimating yourself: the EU and the political realities of the eastern neighbourhood". In *European View* 13, pp. 115-123.

Delcour, L. e Wolczuk, K. (2018). "Well-Meaning but Ineffective? Perceptions of the EU's Role as a Security Actor in the South Caucasus". In *European Foreign Affairs Review* 23(1), pp. 41-60.

Dragneva, R. e Wolczuk, K. (2016). "Between Independence and Integration: Ukraine's Relations with Russia". In *Europe-Asia Studies* 68(4), pp. 678-698.

Dutch Safety Board (2015). *Crash of Malaysia Airlines flight MH17, outubro de 2015, Haia*. Disponível em: <https://www.onderzoeksraad.nl/en/page/3546/crash-mh17-17-july-2014> (Visitado em: 14 de outubro de 2018).

Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos (2019). *Report on the human rights situation in Ukraine 16 November 2018 to 15 February 2019*. Disponível em: <https://www.ohchr.org/Documents/Countries/UA/ReportUkraine16Nov2018-15Feb2019.pdf> (Visitado em: 21 de julho de 2019).

EUvsDisinfo (2017). *Time for the ninth MH17 disinformation round*. Disponível em : <https://euvsdisinfo.eu/time-for-the-ninth-mh17-disinformation-round/> (Visitado em: 14 de agosto de 2019).



EuvsDisinfo (2018). *MH17: Time is running out for disinformation*. Disponível em: <https://euvsdisinfo.eu/mh17-time-is-running-out-for-disinformation/> (visitado em: 21 de julho de 2019).

EUvsDisinfo (2019). *Tracing Five Years of Pro-Kremlin Disinformation about MH17*. Disponível em: <https://euvsdisinfo.eu/tracing-five-years-of-pro-kremlin-disinformation-about-mh17/> (visitado em: 21 de agosto de 2019).

Ferreira-Pereira, Laura C., e Alena Vieira (2015). "Ukraine in the European Union's Partnership Policy: A Case of Institutionalized Ambiguity". In *European Politics and Society* 16(2): pp. 143-158.

Hannan, J. (2018). "Trolling ourselves to death? Social media and post-truth politics". In *European Journal of Communication* 33(2), pp. 1-13.

Harnisch, S. (2011). "Role Theory: Operationalization of key concepts". In Harnisch, S., Frank, C. e Maull, H. (eds) *Role Theory in International Relations: Approaches and Analyses*. Oxford: Routledge, pp. 7-15.

Higgins, E. (2015). "Evidence the Russian Military Supplied the Type of Missile Used to Shoot Down MH17". In *Bellingcat*, 3 de junho. Disponível em: <https://www.bellingcat.com/news/uk-and-europe/2015/06/03/evidence-the-russian-military-supplied-the-type-of-missile-used-to-shoot-down-mh17/comment-page-1/> (Visitado em: 13 de outubro de 2018).

Higgins, E. (2016). "The Russian Defense Ministry Presents Evidence They Faked Their Previous MH17 Evidence". In *Bellingcat*, 26 de setembro. Disponível em: <https://www.bellingcat.com/news/uk-and-europe/2016/09/26/russian-defence-ministry-presents-evidence-faked-previous-mh17-evidence/> (Visitado em: 13 de outubro de 2018).

Joint Investigation Team (2018). "JIT MH17 Press Meeting", 24 de maio, Utrecht. Disponível em: <https://www.om.nl/onderwerpen/mh17-vliegramp/persbijeenkomst-24/narrative-conference/> (Visitado em: 14 de outubro de 2018).

Karolewski, I. P. e Cross, M. K. (2017). "The EU's Power in the Russia-Ukraine Crisis: Enabled or Constrained?". In *JCMS* 55(1), pp. 137-152.

Khaldarova, I. (2016). "Strategic Narratives of the Ukraine Conflict Projected for Domestic and International Audiences by Russian TV Channels". In Pantti, M. (Ed.). *Media and the Ukraine Crisis: Hybrid Practices and Narratives of Conflict*. New York: Peter Lang, pp. 124-138.

Khaldarova, I. e Pantti, M. (2016). "Fake News: The narrative battle over the Ukrainian conflict". In *Journalism Practice* 10(7), pp. 981-901.

Klose, S. (2018). "The emergence and evolution of an external actor's regional role: An interactionist role theory perspective". In *Cooperation and Conflict*, pp. 1-16.

Kuzio, T. (2017). "Ukraine between a Constrained EU and Assertive Russia". In *JCMS* 55(1), pp. 103-120.

Lucarelli, S. (2014). "The EU's Leadership in Global Governance: Perceptions from the others". In Chaban, N. e Holland, M. (eds). *Communicating Europe in Times of Crisis: External Perceptions of the European Union*. Palgrave Macmillan, pp. 45-64.



Mejias, U. A. e Vokuev, N. E. (2017). "Disinformation and the media: the case of Russia and Ukraine". In *Media, Culture & Society* 39(7), pp. 1027-1043.

Ministério da Defesa Russo (2014). "Official statement from the Russian Defense Ministry in connection with Boeing 777 crash", 18 de julho, Moscovo. Disponível em: <https://www.globalresearch.ca/mh-17-crash-in-ukraine-official-statement-from-russian-defense-ministry/5392000> (Visitado em: 12 outubro 2018).

Miskimmon, A., O'Loughlin, B. e Roselle, L. (2013). *Strategic Narratives: Communication Power and the New World Order*. New York: Routledge.

Miskimmon, A. (2017). "Strategic narratives of EU foreign policy and the European Neighbourhood Policy". In Schumacher, T., Marchetti, A. e Demmelhuber, T. (eds). *The Routledge Handbook on the European Neighbourhood Policy*. Oxford: Routledge, pp. 153-166.

Nabers, D. (2011). "Identity and role change in international politics". In Chaban, N. e Holland, M. (eds). *Communicating Europe in Times of Crisis: External Perceptions of the European Union*. Palgrave Macmillan, p. 74-92.

Natorski, M. e Pomorska, K. (2017). "Trust and Decision-making in Times of Crisis: The EU's Response to the Events in Ukraine". In *JCMS* 55(1), pp. 54-70.

Nitoiu, C. (2018). "The European Union's 'Ideal Self' in the Post-Soviet Space". In *Europe-Asia Studies* 70(5), pp. 692-710.

Roselle, L., Miskimmon, A. e O'Loughlin, B. (2014). "Strategic Narrative: A New Means to Understand Soft Power". In *Media, War & Conflict* 7 (1), pp. 70-84.

Samokhvalov, V. (2015). "Ukraine between Russia and the European Union: Triangle Revisited". In *Europe-Asia Studies* 67(9), pp. 1371-1393.

Swimelar, S. (2017). "Deploying images of enemy bodies: US image warfare and strategic narratives". In *Media, War & Conflict* 11(2), pp. 179-203.

Szostek, J. (2017). "The Power and Limits of Russia's Strategic Narrative in Ukraine: The Role of Linkage". In *Perspectives on Politics* 15(2), pp. 379-395.

Szostek, J. (2018). "Nothing is True? The credibility of News and Conflicting Narratives during 'Information War' in Ukraine". In *The International Journal of Press/Politics* 23(1), pp. 116-135.

Telegraph (2014). *MH17 plane crash: Russia's UN ambassador accuses the world of taking Ukraine's side*, Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/russia/10977407/MH17-plane-crash-Russias-UN-ambassador-accuses-the-world-of-taking-Ukraines-side.htm> (Visitado em: 21 de agosto de 2018).

Russia Today (2015). "MH17 likely downed by old BUK-M1 missile system not used by Russia - manufacturer". In *Russia Today*, 3 de junho. Disponível em: <https://www.rt.com/news/264421-buk-missile-manufacturer-investigation/> (Visitado em: 13 de outubro de 2018).

Toler, A. (2018). "The Kremlin's Shifting, Self-Contradicting Narratives on MH17", *Bellingcat*, 5 de janeiro. Disponível em: <https://www.bellingcat.com/news/uk-and-europe/2018/01/05/kremlins-shifting-self-contradicting-narratives-mh17/> (Visitado em: 13 de outubro de 2018).



Wagnsson, C. e Hellman, M. (2018). "Normative Power Europe Caving In EU under Pressure of Russian Information Warfare". In *JCMS* 56(5), pp. 1161-1177.

Walker, S. G. (1987). "Role Theory and the Origins of Foreign Policy in New Directions in the Study of Foreign Policy". Edited by Charles F. Hermann, Charles W. Kegley, and James N. Rosenau, 269–284. London: HarperCollins.

Wolczuk, K. (2016). "Ukraine and Europe: Reshuffling the borders of order". In *Thesis Eleven* 136(1), pp. 54-73.

Wolczuk, K. (2017). "Ukraine in the European Neighbourhood Policy" in Schumacher, T., Marchetti, A. e Demmelhuber, T. (eds) *The Routledge Handbook on the European Neighbourhood Policy*. Oxford: Routledge, pp. 279-288.

Vasilyeva, N. (2018). "Russia: Missile that shot down flight MH17 was Ukrainian". In *Associated Press*, 17 de setembro. Disponível em: <https://www.apnews.com/f53b42ce3aab44308730eb2d89c9e545> (Visitado em: 13 de outubro de 2018).

Zeitsoff, T. (2017). "How Social Media is Changing Conflict". In *Journal of Conflict Resolution* 61(9), pp. 1970-1991.